

# O Progresso Catholico

... sequor autem, si quo modo  
comprehendam...

AD PHILIP. 3. 12.

RELIGIÃO E SCIENCIA  
LITTERATURA E ARTES

... ad ea quae sunt priora extendens meliorem  
ad destinatum persequor, ad bravium  
triumphi Ecclesiae... In Christu Jesus

ID. 13. 14.

**SUMMARIO:**—*Catholicos e Portuguezes*, pela redacção.—Secção Religiosa: *Discurso de Sua Santidade Leão XIII á peregrinação do clero italiano; As trevas, o retrocesso e barbarismo dos seculos passados, e as luzes, o progresso e civilisação do seculo XIX*, pelo Padre Joaquim José Soares.—Secção Scientifica: *As Bellezas litterarias da Escripura*, por J. C. de Faria e Castro.—Secção Historica: *Galeria de homens notaveis da Companhia de Jesus, 18.º*, pelo Padre João Vieira Neves Castro da Cruz.—Secção Critica: *A Hoz de França, e a «Palavra», do Porto*, por Elias de Saupaio; *Trez Romas*, por Dom Antonio d'Almeida.—Secção Litteraria: *Ex abrupto*, poesia, por P. Couto.—Secção Illustrada: *Mosteiro de Santa Maria d'Alcobaça, I; Em plena natureza*, por R.—Secção Necrologica.—Retrospecto da Quinzena, por J. de Freitas.—Bibliotheca Romantica: *A Filha da Condessa*, versão de Mattos Ferreira.

**GRAVURAS:** *Mosteiro de Santa Maria d'Alcobaça; Em plena natureza.*



MOSTEIRO DE SANTA MARIA DE ALCOBAÇA

## CATHOLICOS E PORTUGUEZES

**D**E em meio do derrocar medonho das gerações modernas, e do pavidó quadro que o atheismo desenrola por sobre toda a terra, nós vimos ainda levantar-se imponente de grandeza e magestade a figura veneranda da Patria, envolta na bandeira gloriosa que nossos maiores desfraldaram em cem batalhas, desde Ourique e Val-de-Vez, até Ormuz e Malaca; e essa outra figura mais veneranda ainda e mais brilhantemente aureolada, da Religião augusta e tres vezes santa que ha dezoito seculos fôra proclamada no alto do Calvario pelo Martyr da Civilisação e do Progresso, ao soltar o brado de perdão para as turbas ignaras e ferozes que o crucificavam, e o outro brado sublime, de liberdade para as gerações vindouras, que haviam de ajoelliar-se, livres, aos pés da Cruz que lhe era patibulo.

E é diante d'essas duas figuras que nos curvamos reverentes e que firmamos pela decima primeira vez o nosso programma.

Não nos amedronta o estrondo da terrível derrocada, nem nos intimida o quadro que offerece uma sociedade em esfacelo; não, ficamos firmes no nosso posto e á nossa bandeira abraçados. Temos para os inimigos declarados o gargallar que merecem os nescios; e temos um grito de dôr para os inimigos mascarados, para os hypoeritas: rimos-nos d'uns, compadecemos-nos dos outros.

E aqui fica o nosso programma, que está repetido em duzentos e quaranta numeros do *Progresso Catholico*. Não fazemos outro; dez annos de vida jornalística é programma de mais. Como dissemos, curvamo-nos diante das figuras sacrosantas da Religião e da Patria e proclamamos aos ventos da publicidade, que somos — Catholicos e Portuguezes!

A REDACÇÃO.

## SECÇÃO RELIGIOSA

## Discurso de Sua Santidade Leão XIII á peregrinação do clero italiano

**S**EDE bem vindos tambem vós, Filhos carissimos, que representaes hoje diante de Nós o Clero e as esperanças nascentes da Igreja d'Italia.—Os altos e nobres sentimentos que Vós, Senhor Cardeal, em nome de todos, nos acabaes de exprimir, o vosso numeroso concurso, e o fim que vos propoestes, de agradecer ao Senhor pelo anno do Nosso Jubileo, são para Nós outros tantos motivos de viva complacencia e de mais plena satisfação. Conhecemos a devoção do Clero italiano ao Summo Pontífice, e a união perfeita que reina entre elle, os seus Bispos e a Sé Apostolica.—E Nós, da Nossa parte, nutrimos pelo Clero italiano um interesse e affecto particular. Temos-lhe sempre mostrado a mais viva sollicitude, a fim de que pela abundancia d'uma sã doutrina, pela integridade da vida, pelo zelo das almas, pelo espirito do mais generoso sacrificio, dignamente correspondesse á sua sublime missão. E ardentemente desejamos que elle cada dia mais se enriqueça e se adorne das mais excellentes virtudes, e que consagre o seu ministerio ao bem do povo italiano, instruindo-o nos seus deveres, reformando-lhe os costumes, educando o nas praticas salutaes da Religião.

Mas alem d'estes deveres, um outro não menos grave lhe incumbe no meio da aspera lucta que a Igreja sustenta na hora presente; isto é, o de ser e de mostrar-se, em face de todos, constantemente devoto a esta Sé Apostolica, e de propugnar, como melhor puder, a sua causa sagrada. E sobre isto queremos hoje insistir d'uma maneira especial, desejando que seja este o aviso principal que vos damos em uma occasião tão solemne.

Nenhum de vós, dilectissimos Filhos, ignore com quantos artificios se tenta hoje em dia enganar o povo italiano a respeito das condições do Pontificado, e com que meios se procura obscurecer as verdades ainda as mais manifestas.

—Diz-se com effeito e continuamente se repete ao povo, que ao Pontífice se deixou em Roma ampla e perfeita liberdade, e que se respeita a sua liberdade e a sua pessoa. Mas todo o mundo sabe e vê a que condição indigna e intoleravel elle se acha reduzido, á mercê e em poder alheio, alvo de zombarias e ultrajes, ludibrio da plebe.—Ousa-se alem d'isto afirmar que as reclamações do Pontífice são dictadas por espirito

d'ambição, e por cubiça de humana grandeza. Desnaturada assim e amesquinhada a questão, procuram illudir mais facilmente os incautos.—Mas muito mais alto se dirigem as nossas vistas: é a grande causa da liberdade e da independencia da Igreja que realmente hoje se agita.—E vós, Filhos carissimos, para instrução tambem dos outros, não vos canceis de repetir altamente que a suprema auctoridade, da qual por disposição divina está revestido o Pontífice, por sua natureza, não pode estar sujeita a qualquer poder terreno; e que para ser verdadeiramente livre e independente, ao menos na ordem presente da Providencia, o Pontífice deve ter uma soberania real; que effectivamente esta soberania foi em seu favor pela Providencia, por vias admiraveis, disposta, preparada, constituída, e depois por longos seculos coservada até aos nossos tempos, no meio das mais varias e contrarias vicissitudes.

E este admiravel designio da Providencia mostrou-se sempre mais especialmente sobre Roma, a qual, perferida por Deos para ser a sede perpetua do Vigario de Christo, devia offerecer ao Pontífice em face do mundo as condições mais seguras e evidentes de liberdade. Assim, nenhuma soberania do mundo foi mais legitima na sua origem, mais alta e veneranda no seu escopo, mais longa na sua duração, do que a soberania pontificia.—Os adversarios d'esta soberania foram sempre os inimigos e os perseguidores da Igreja.

Nenhum de vós, portanto, nenhum dos catholicos, se deixe desvairar e illudir. Direitos tão sacrosantos, apoiados em tão solidos fundamentos, sobreviventes a tantos eventos, ligados a tamanhos e tão vitaes interesses da Igreja e da sociedade civil, poderão por algum tempo ser desprezados ou violados, mas não opprimidos e conculcados para sempre.—Muitas vezes acontecimentos prosperos, favores e apoios de poderosos, parecem dar plena segurança e audacia aos inimigos; mas o curso das cousas humanas está sempre nas mãos da Providencia de Deos, que o mundo rege e dirige conforme os seus designios, fazendo-o servir sempre á maior gloria do seu nome e ao bem da sua Igreja.

Nem é para temer a antiga accusação tantas vezes por Nós energicamente repellida, de que com a reclamação dos direitos da Sé Apostolica, Nos mostramos inimigos do bem da Italia.—Antes podemos dizer que, exigindo Nós que se dê finalmente satisfação a estes sagrados e imprescriptiveis direitos, longe de mostrar-nos inimigos da Italia, não fazemos senão desejar o seu verdadeiro bem; pois não queremos senão aquillo que unicamente pode dar tran-

quillidade estavel á nação e paz segura ás consciencias.

Finalmente não sabemos bem com que fim se disse recentemente que do Vaticano não sahe nunca para a Italia uma palavra amiga.—Vã e estulta accusação é tambem esta. Foi palavra amiga ter Nós em diferentes occasiões recordado á Italia as grandezas e beneficios innumeraveis que lhe vieram da Igreja e do Pontificado romano.—Foi palavra amiga ter-lhe tantas vezes inculcado de guardar zelosamente e de seguir com fidelidade as gloriosas tradições de seus avós.—Foi palavra amiga tel a avisado a tempo dos damnos deploraveis e inevitaveis de que seria causa funesta a lucta desleal emprendida unicamente por odio de seita, contra a divina instituição do Papado. E quando, constringidos pelo dever, levantamos a voz contra leis e actos directos a damno da religião e da Igreja em Italia, tambem aquella voz foi amiga, por que destinada a conservar-lhe pura e immaculada a fé avita, como um precioso thesouro.

Mas em recompensa como procede contra nós a parte adversa? Responda, para não fallar do passado, o novo codigo que se discute, e as novas leis de perseguição que nos ameaçam, directas a augmentar a escravidão da Igreja, e a afastar cada vez mais a sua salutar influencia da escola e de todas as ordens da sociedade civil.—Pois Nós, os sagrados Pastores, os fleis, collocados em tão acerbas angustias, se por um lado com o auxilio divino, não faltaremos jamais aos nossos deveres, não cessaremos tambem de erguer mais fervorosas ao Altissimo as nossas orações, para que em beneficio da Italia, e para salvação dos nossos mesmos inimigos, não tarde a fazer resplandecer a grandeza das suas misericordias.

Vós, Filhos carissimos, inspiraevos sempre por estes sentimentos. E com elles leveis tambem ás vossas terras a benção especialissima que do fundo do coração, em penhor dos celestes favores, damos a vós todos aqui presentes, ao Clero, á juventude que se encaminha para o Santuario, e a todo o povo italiano.

**As trevas, o retrocesso e barbarismo dos seculos passados, e as luzes, o progresso e civilisação do seculo XIX**

I

sobremodo calamitosa e desoladora a epocha que atravessamos! Chamem-lhe, entusiasticamente, seculo das luzes, do progresso, da civilisação: chamem-lh'o.

Empregam um trôpo que na rhetorica tem o nome de—ironia.

Seculo das luzes!!... Pois o seculo que não quer ouvir, na cadeira da verdade, a palavra do missionario catholico, a palavra de Christo... o seculo que detesta a luz verdadeira que illumina a todo o homem que vem a este mundo (1)... o seculo em que os homens amam mais as trevas do que a luz (2)... o seculo que aborrece a luz, e não se chega para a luz, para que não sejam arguidas as suas obras (3)... um seculo assim desorientado pôde chamar-se—seculo das luzes?

Jesus Christo é a unica luz que illumina todas as intelligencias; por Elle foi dito:—*Qui sequitur me non ambulat in tenebris.*

Seculo das luzes e do progresso!!... Porque chamam assim ao seculo XIX? Será porque hoje se applica o vapor á viação maritima e terrestre, transportando, em pouco tempo, milhares de pessoas a longinquas regiões? (4) Será porque hoje se levantam altaneiras e magestosas pontes pensis? Será porque hoje temos excellentes apparatus de mergulhadores, a lanterna magica, etc., etc.?

E não previu tudo isto um pobre frade franciscano da idade media—Rogério Bacon? Não inventou elle a polvora? (5)

«Duns Scoto, tambem frade da idade media, foi o precursor de Leibnitz e Newton; Bacon foi o precursor de todos os sabios modernos que têm enriquecido a sciencia com inventos admiraveis. (6)

«Em sciencias theologicas, philosophicas, canonicas e sociaes não ha idade comparavel á idade media. O mesmo podemos dizer das artes liberaes. Pôde a chimica moderna imitar o mysterioso processo da pintura sobre o vidro?»

Não foi o telescopio inventado no seculo XIII? Foi. E, sem o telescopio, que

(1) *Erat lux vera, quae illuminat omnem hominem venientem in hunc mundum.* S. João, cap. 1, 9.

(2) *Dilexerunt homines magis tenebras quam lucem.* S. João, cap. 1, 19.

(3) *Odit lucem, et non venit ad lucem, ut non arguantur opera ejus.* S. João, 1, 20.

(4) «No anno de 1630 começou-se a fazer uso, em Inglaterra, de duas vias parallelas de madeiras assentes sobre o solo, e por sobre as quaes rodavam as carruagens; notouse que, sobre estas vias, um cavallo conduzia um pézo duplo do ordinario. Em 1710 a tracção animal foi substituida pela tracção a vapor. Este systema recebeu grandes aperfeiçoamentos devidos aos engenheiros Stephenson e Birlenshaus, e começaram-se a construir caminhos de ferro em Inglaterra.»

(5) Outros attribuem a invenção da polvora ao monge Schwartz.

(6) Que indica isto? Que era muita a ignorancia e ociosidade dos frades.

progresso haveria, hoje, na astronomia?

E o microscopio? Não foi elle construido, em 1590, pelo hollandez Zacharias Zanz ou Jansen? Não o attribuem outros a Cornelio Drebbel (1572), erudito hollandez, ao qual se attribue egualmente a invenção do thermometro? E a quem deve a physiologia moderna os seus progressos? Ao microscopio.

E não construiu Terricelli, em 1643, uma machina que, posto que imperfeitissima, deu origem ao barometro?

Quem inventou os acrostatos? O jesuita portuguez Bartholomeu de Gusmao, irmão do ministro Alexandre de Gusmao. Depois de profundos estudos sobre sciencias phisicas, este illustre e sabio jesuita fez a sua primeira experiencia com a machina da sua invenção, em 1703, na presença de D. João V. (1)

Em que epocha appareceu a gravura em cobre e aço? Foi descoberta no meiado do seculo XV. A um artista de Florença—Masso Finiguena, é a quem se attribue tão util invenção.

Não foi, em 1440, João Gutenberg o primeiro inventor da arte typographica ou de imprimir? E, sem esta sublime descoberta, a sciencia não seria ainda hoje o patrimonio de poucos? Não licariam as artes estacionarias?

Eis uma pequena amostra das muitas trevas e do muito retrocesso dos seculos passados; e d'essas trevas, e d'esse retrocesso utiliza-se o seculo actual, e diz, clamorosamente, pavoneado e orgulhoso:—*Eu sou o seculo das luzes e do progresso!*

Mas... uma pergunta:—Em que tens progredido, ó seculo XIX? Não é na guerra desabrida e satanica que fazes ao Christianismo, á Igreja Catholica? E não sabes que não ha «quem mais concorra para o progresso das sciencias e das artes do que o Christianismo e a Igreja?»

Attende:

«Quem é que nos franqueou as portas da Asia? pergunta o sabio de Lorgues. Quem disseminou pela Europa as sciencias e os thesouros do Oriente? Quem creou as nossas bibliothecas? Quem fez surgir nas Gallias e na Germania esse prodigioso numero de basilicas, cuja architectura sublime e magestosa aniquila os nossos modernos monumentos? Quem fundou lazaretos, hospitaes, casas de asylo e de refugio? Quem construiu pontes, canaes, estradas, arroteou charnecas, dessecou pantanos, e por consequencia multiplicou espontaneamente a população? Quem fez nascer Miguel Angelo e Raphael, Dante e Tasso, Galileu e Newton, e mui-

(1) Será este o motivo porque certos meninos de Portugal não gostam dos jesuitas?

tos outros genios de primeira ordem?

«Musica, pintura, architectura, mecnica, astronomia, chimica, physica, linguistica, navegação, todas as artes, todas as sciencias foram beber no christianismo inspirações para crear ou aperfeiçoar. O philosopho desconhecido, S. Martinho, notou que todos os famosos navegantes têm sido christãos.

«E se Christovam Colombo nos abriu communicações com o continente americano, quem foi que o incitou ao descobrimento? Um sabio que, como elle, previu a existencia do novo continente —um pobre frade, guardião de franciscanos na Andaluzia, João Peres de Marchena (1).

.....

«Quanto são ingratos estes homens!

«Desconhecem que ao christianismo se devem todos os beneficios, todos os melhoramentos, todos os progressos salutaes de que se gloria o mundo! Elle produziu uma revolução na sociedade, nas leis, nos costumes, nas instituições; uma revolução moral que lhe trouxe o progresso e o melhoramento

«Como muito bem diz o douto e piedoso P. Gaume, desde o nascimento do christianismo o mundo tornou-se muito mais civilizado, muito mais virtuoso, muito mais livre, muito mais perfeito. Todas as luzes, pois, todas as graças vieram do Evangelho ao mundo, que jazia submerso nas trevas e na degradação». (2)

E' por isto, seculo XIX, que guerras ao christianismo e a Igreja?

Seculo do progresso!!...

Em que tens progredido? Não é, principalmente, no mal? Não é no erro, na mentira, na calúnia e na desmoralização?

E ignoras que o progresso do mal não é coisa desejavel, e que deve ser energeticamente combatido?

Porque é que não desejás e não deixas progredir a cholera-morbus? Porque é uma epidemia que, em pouco tempo, roula milhares de vidas.

Porque não queres o philoxera? Porque não desejás o seu progresso? Porque faz desaparecer os vinhedos.

Ora assim como não é appetecivel e se combate o progresso do mal physico, do mesmo modo não é desejavel e se deve combater o progresso do mal moral, porque tal progresso redundará em destruição, confusão e desordem.

Pois é este o teu maior progresso, seculo XIX: progresso na desmoralização, progresso na mentira e na calu-

niua, progresso no erro, progresso no absurdo e paradoxo!

E pôde chamar-se a um tal progresso—verdadeiro progresso? Não; mil vezes não. Isto não é progredir, é retroceder.

Ha progresso do bem e progresso do mal. Somente o primeiro é verdadeiro progresso, e nunca houve, não ha, não haverá jamais verdadeiro progresso opposto à verdade. E a verdade está na Biblia, no Evangelho, na palavra de Jesus Christo, pois elle mesmo disse:—EI' SOU O CAMINHO, A VERDADE E A VIDA. *Ego sum via, et veritas, et vita.* (1)

Seculo da civilização!!...

Vamos ver isso.

(Continua)

P.º Joaquim José Soares.

## SECÇÃO SCIENTIFICA

### As bellezas litterarias da Escriptura



*allegoria* e o *dialogo* é o que vamos hoje apresentar aos nossos leitores, generos litterarios frequentes na Escriptura Sagrada.

A *allegoria* é uma metaphora continuada e que consiste em dizer uma coisa para que seja ouvida uma outra: é uma figura do optimo effeito na eloquencia e na poesia, quando o sentido é perfeitamente claro, e quando as relações não são demasiadamente multiplicadas, nem trazidas de muito longe.

As *Parabolas* do Evangelho e as do Antigo Testamento são allegorias moraes, e a poesia oriental fez d'esta figura um uso continuado.

Exemplo de algumas allegorias da Escriptura: Babilonia ali empregada por vezes metaphoricamente para designar o mundo, o peccado e o Antechristo; —mas que se tenha muito cuidado com o pretender-se interpretar-se esta obra divina metaphoricamente como o fez Origenes.

O *cantico* de Salomão é uma comprida e encantadora allegoria, debaixo da forma de epithalamo ou de idyllo. (2)

Os dialogos entre Salomão e a sua esposa ou os monologos d'um e d'outro são cheios de fogo, ternura e elegancia; ahi se põe em evidencia a heroína do poemeto, a Sulamite, e com ella figuram tambem as raparigas companheiras d'ella—as filhas de Jerusalem. Este cantico allegorico versa sobre as bodas de Salomão. Os judeus modernos

ali veem uma allegoria à união de Deus, com a synagoga, e os christãos à união de Jesus Christo com a Igreja.

O Capitulo 17.º de Ezechiel contem uma das mais formosas parabolas da Escriptura, que se pôde tomar como uma especie de allegoria, na qual o rei da Babilonia, vindo a Jerusalem, fazendo prisioneiros o rei e os principes d'esta capital, e levando o para Babilonia, está representado n'uma figura de uma «corpulenta aguia de grandes azas, de longa extensão de membros, cheia de penas, e de variedades de cores, e que veio ao Libano, e levou a medulla d'um cedro: Arrancou as ultimas pontas dos seus ramos: e levou as para a terra de Canaan, etc.

O Antigo e o Novo Testamento, principalmente este, abundam em parabolas: «O Senhor não os doutrinava, nem lhes fallava senão em *parabolas*.» (1)

O livro dos Juizes no capitulo IX dá-nos uma bellissima allegoria, que nos fornece um bello exemplo. Depois de haver morto setenta dos seus irmãos, Abimelech, filho de Jerobaal, é eleito rei pelos habitantes de Siquem e todas as familias da cidade de Mello. Escapou ao mortecinio dos irmãos, Joathão, o unico que escapou, e que era o filho mais moço de Jerobaal, subio ao cume do monte de Garizim, e ali fez, por occasião d'esta eleição, aos eleitores de Siquem, o discurso seguinte:

«Foram uma vez as arvores a eleger sobre si um rei: e disseram à oliveira: Reina sobre nós.

«Ella respondeu: Acaso posso eu deixar o meu oleo, de que se serveu tanto os deuses como os homens, para vir a ser superior às outras arvores?

«E disseram as arvores à figueira: Vem, e toma o reinado sobre nós.

«Ella lhes respondeu: Acaso posso eu deixar a minha doçura, e suavissimos fructos, para ir a sobresair entre as outras arvores?

«E disseram as arvores à videira: Vem, e toma o mando sobre nós.

«Ella lhes respondeu: Por ventura posso eu deixar o meu vinho, que é alegria de Deus e dos homens, para vir tomar o primeiro logar entre as mais arvores?

«E todas as arvores disseram ao espinheiro: Vem, e serás nosso rei.

«Elle lhes respondeu: Se vós devéras me constituís por vosso rei, vinde, e repousae debaixo da minha sombra: se o não quereis assim, saia fogo do espinheiro, e devore os cedros do Libano.»

Ha coisa tão singella, mas tanto energica? Esta allegoria tem feito as delicias dos litteratos mesmo os mais

(1) Mais ignorancia e ociosidade fradesca.

(2) Acerca d'este assumpto devem ser lidos e meditados os primordios artigos que, sob a epigrapha—*Progresso*—, se publicaram no vol. v d'esta Revista (pag. 3 e seg.), devidos ao eximio jornalista catholico—o ex.º sur. Padre João Vieira Neves Castro da Cruz.

(1) S. João, xiv, 6.

(2) Referimo-nos ao *Cantico dos canticos* no qual Salomão figura a alliança de Deus com a sua Igreja.

(1) A bom tempo, daremos um estudo especial ácerca das *Parabolas do Evangelho*.

radicaes, assim em materia politica, como em critica litteraria e scientifica.

Mas vejamos a conclusão do discurso do tribuno da opposição.

«Agora pois, diz o moço Joathão, se com rectidão, e sem peccado constituistes por vosso rei a Abimelech, e vos portastes bem com Jerobaal, e com a sua casa, e correspondendestes como deveis aos beneficios d'aquelle, que pelejou por vós,

«—e que expôz a sua propria vida aos perigos, para vos livrar do poder de Madau:

«—vós, que agora vos levantastes contra a casa de meu pae, e tirastes a vida a setenta varões seus filhos sobre uma mesma pedra, e constituistes rei dos habitadores de Siquem a Abimelech filho d'uma sua escrava, porque é vosso irmão:

«—Se pois vós vos tendes portado com rectidão, e sem peccado com Jerobaal e com a sua casa, alegrae-vos hoje com Abimelech, e elle se alegre com vosco.

«Mas se obrastes perversamente: saia fogo d'elle, e devore aos habitadores de Siquem, e a cidade de Mello: e dos moradores de Siquem, e da cidade de Mello saia fogo, e devore a Abimelech.»

Eis aqui um discurso simples, mas eloquente. A eleição d'este rei afogou-se abruptamente n'um lago de sangue. O seu reinado porem, não foi de longa duração; passados apenas tres annos, Israel detestava-o, e elle mesmo caia do throno ferido por a mão d'um dos seus vassallos! O povo lançava-lhe em rosto a falsidade da sua eleição, pois que, sendo filho de uma escrava, havia morto todos os seus irmãos legitimos para montar ao throno. Os Siquimitas, o povo que o alegera, pagaram ao depois o mal que fizeram.

\* \* \*

O *Dialogo* é a conversação entre duas pessoas ou mais.

De qualquer modo que seja empregado, o dialogo deve ter por qualidades essenciaes o natural e rapidez—isto é, que cada interlocutor deve fallar convenientemente em relação á sua situação, ao seu caracter e aos sentimentos que o animam, e que cumpre regeitar tudo o que não é indispensavel á clareza, todos os detalhes desengraçados, insipidos, enfadonhos e sem gosto, que molestarão a curiosidade da composição.

O mais sublime de todos os dialogos é sem contradicção o dialogo que se travou no monte Sinai entre Jehova, envolto pelas nuvens e trovões, e o seu fiel servo Moysés, desfeito perante a magestade do seu interlocutor increado.

O sacrificio de Isaac, que vem no ca-

pitulo XXII do Genesis, contem em narração um dialogo mui breve, mas simples e seductor, entre Abrahão e seu filho Isaac; e outro, no mesmo capitulo, entre Abrahão e o Anjo que lhe enviou o Senhor para o obstar a sacrificar a Isaac. Eil-os:

«... tentou Deus a Abrahão, e lhe disse: «Toma a Isaac teu filho unico, a quem tu tanto amas, e vai á terra da Visão, e offerecer-m'o-has em holocausto sobre um dos montes, que eu te mostrarei.»

—Tomou tambem a lenha para o holocausto, e pol-a ás costas de seu filho Isaac: e elle Abrahão levava nas mãos o fogo, e o cutélo. E quando ambos caminhavam junctos,

—disse Isaac a seu pai: «meu pai», respondeu lhe Abrahão: «que queres, meu filho?»—«Aqui vai o fogo, e o cutélo», disse Isaac; «onde está a victima para o holocausto?»

—«Deus proverá n'isso», respondeu Abrahão: «elle nos deparará uma victima para o seu holocausto.» Caminharam pois ambos juntos.

—até que chegaram ao logar, que Deus tinha mostrado a Abrahão. Alli levantou Abrahão um altar; pôz lhe a lenha em cima, depois atou a seu filho Isaac, e o pôz sobre a lenha, que tinha disposto sobre o altar.

—E estendendo a mão, pegou no cutélo para immolar seu filho.

—«Mas a esse mesmo ponto lhe gritou do ceo o anjo do Senhor, dizendo: Abrahão, Abrahão! Respondeu elle: Aqui estou.»

Esta simplicidade, assim respeitosa como seductora, nota-se tambem no principio do capitulo XXIV do mesmo Livro, onde vem um dialogo entre Abrahão e o mais antigo dos seus servos.

E' digno do mesmo louvor o curto dialogo que se acha no 1.º capitulo do Livro de Ruth entrè Noemi, esposa de Elimelech, e suas cunhadas. Assim este dialogo como o precedente, são egualmente em narração; ambos d'uma belleza sem senão, assim pura como terna.

O poema ácerca de Job offerece-nos uma sequencia de dialogos cujos interlocutores são, afóra Job, esse santo personagem, os seus velhos amigos Eliphaz, Baldad, e Eliu; mas esses dialogos, que nos parecem primores, sublimes, são mui compridos; de sorte que me não é possivel dar d'elles aqui quaesquer exemplos.

Opportunamente, hei de tratar das *Bellezas do Livro de Job* e assim preencheri esta lacuna.

J. C. de Faria e Castro.

## SECÇÃO HISTORICA

### Galeria de homens notaveis da Companhia de Jesus

18.º

(Continuado do n.º anterior)

XXXI

P. Francisco Annato

ESTE jesuita teve grande auctoridade na França e mesmo em todo o mundo por seu nome, por sua virtude e por sua sciencia. Tornou-se principalmente famoso por ser o primeiro que teve coragem para atacar Braz Paschal, que com o pseudonymo de Luiz Montalte escrevia contra a Ordem de Santo Ignacio.

Por todas estas circumstancias mereceu ser conhecido o jesuita Francisco Annato.

Nasceu na cidade de Rhodéz (França), em 1607, entrando ainda muito joven na Companhia de Jesus. Foi professor de philosophia e de theologia no collegio da sua Ordem em Tolosa, assistente ao Geral em Roma e em seguida provincial, cargos que exerceu dignissimamente.

Em 1654 foi escolhido para confessor de Luiz XIV, o que mostra a consideração em que era tido: porquanto os reis d'aquelle tempo costumavam chamar para seus directores espirituaes os sujeitos mais conspicuos em doutrina e virtude, pertencentes ao clero regular ou secular. Annato exerceu este ministerio por 16 annos.

O rei de França creou um *conselho de consciencia*, encarregado de examinar os individuos apresentados para os beneficios que livessem vagado. Este conselho compoz-se dos seguintes homens: Pedro da Marea, Arcebispo de Tolosa; Harduino de Perefine, Bispo de Rhodes, e do P. Annato, jesuita, confessor de Luiz XIV.

Escutemos agora o que diz Frederico Schoell, historiador protestante, no seu *Curso de historia*:

«Não se podiam reunir tres homens mais virtuosos, mais desinteressados, mais exemplos de prevenção.»

Escrevendo em particular contra os jansenistas que se intitulavam discipulos de Santo Agostinho, e designadamente contra o auctor das *Cartas Provinciacs*, Annato excitou contra si o odio dos sectarios: Pascal dirigiu-lhe as duas ultimas cartas.

No entanto os vãos esforços que elles fizeram para refutar as obras do sabio e virtuoso jesuita, assás provam o alto merito do P. Francisco Annato.

Em principios do anno de 1670 elle

abandonou a corte, para unicamente se votar a Deus e morrer como simples religioso. Falleceu em Paris n'esse mesmo anno.

XXXII

**P. Pedro Cotton**

Este grande homem nasceu em Néronde (França) a 7 de março de 1564. Foi uma das maiores notabilidades da Companhia de Jesus, no reino christianissimo, no primeiro quartel do seculo XVII.

Pedro Cotton, logo desde a infancia, começou a combater os hereges. Contudo, tendo por mestre um calvinista que lhe inspirou odio á Companhia de Jesus, evitava até a simples vista de um jesuita. Estudou philosophia e jurisprudencia, com grande exemplo de piedade e innocencia.

Resolveu-se, enfim, a entrar na Ordem de Santo Ignacio que por muito tempo aborreceu. Depois partiu para Milão onde se aperfeiçoou na philosophia, e em Roma, chamado pelo P. Nicolau Bobadilla, estudou theologia.

N'estes estudos revelou grande genio, feliz memoria e solida virtude, qualidades que nunca desmentiu em toda a sua vida.

Pela sua grande reputação de eloquencia, sabedoria e virtude foi chamado á corte de Henrique IV, rei de França, de quem foi prégador e confessor. Recusou terminantemente o arcebispado de Arles que o monarcha lhe offereceu, e pediu-lhe que nunca mais lhe offerecesse dignidades ecclesiasticas.

Regeitou tambem o cardinalado que o Papa lhe propoz, querendo ser unicamente humilde religioso da Companhia de Jesus.

O jesuita Cotton contribuiu para a reintegração da sua Ordem na França em 1603, pois que tinha sido injustamente expulsa, sob falsas accusações e machinações dos protestantes. Mas Henrique IV nunca deixou de amar os jesuitas.

Por causa do seu zelo da fé e da moral, contra a heresia e o vicio, esteve em risco de ser assassinado, chegando a ser ferido; e em varias disputas que teve com os calvinistas, ficou sempre victorioso, com admiração dos catholicos e confusão dos hereges, convertendo muitos á fé.

Nunca abusou dos favores reaes, vivendo no palacio como se fosse no collegio, e por muitas vezes tentou retirar-se da corte; mas o rei não lh'o consentiu.

Por morte de Henrique IV foi confessor da rainha mãe de Luiz XIII e do mesmo rei. Regeu o collegio de Bordeus e foi provincial da França, cargo que acceitou forçadamente.

Nunca abandonou a oração no meio do tumulto da corte, e muitas vezes se viu cercado d'uma luz brilhante. Em poucas palavras: em todas as suas acções resplandecia a santidade. Morreu a 19 de março de 1626.

O Jesuita Cotton deixou algumas obras em defeza da Egreja Catholica e da Companhia de Jesus, recommendaveis por sua solidez.

E' tambem este um dos jesuitas inscriptos no libello diffamatorio dos seus inimigos; mas todos os historiadores de nome, até alguns inuspeitos, confessam as eminentes qualidades do P. Cotton.

Natal Alexandre diz expressamente que elle foi um *jesuita formoso em singular piedade, doutrina e eloquencia.*

Dupleix, na sua *Historia de Henrique o Grande*, afirma que foi um *perfeito religioso e bom subdito.*

E finalmente Gramond diz que Cotton foi o *orador mais eloquente do seu seculo, o religioso mais desinteressado e modesto, sabio e santo.*

(Continua)

P.º João Vieira Neves Castro da Cruz.

## SECÇÃO CRITICA

## A Roza de França e a «Palavra», do Porto

**N**ão sou politico, e por tanto, como por vezes o tenho repetido n'este logar, pouco me importa que no throno da França se repotreie um principe da familia Orleans-revolucionaria, ou um Sadi-Carnot calque com as botas burguezas os regios aposentos da realza que descende do chefe das Cruzadas e do notavel cavalleiro que ha pouco deixou a nação christianissima coberta de luto. Sou indifferente a tudo isso, porque nos parentes de Filippe *Egalité*, e nos Carnots vejo os representantes da Revolução que ensanguentou a França e quebrou nos degraus do patibulo a coroa de S. Luiz.

Esta imparcialidade, porém, dá-me o direito de reparar, não no que os principes da Revolução proclamam, mas na noticia que a imprensa, que quer timbrar de catholica, dá d'essas proclamações, sem ter um brado de indignação contra o arengar pedantescamente ridiculo com que o liberalismo, coberto com os arminhos da realza, quer apresentar-se diante de um povo que, apesar de todas as desgraças, conserva ainda uns restos de pundonoroso cavalleirismo para regeitar indignado a tutela que lhe offerecem os revolucionarios de todos os tempos, os inimigos da França, em todas as epocas.

Que os jornaes que a Revolução sustententa em França, e que os periodiqueiros portuguezes que blasonam de livres pensadores, e de inimigos da Patria, porque o são da Religião que a Patria fizera grande, vá, admitte-se, nem é mesmo de esperar outra cousa; mas que a *Palavra*, do Porto, o orgão da Associação Catholica, e que tem por grande honra, como deve ter, felicitar o Chefe supremo da Egreja Catholica nos dias de maior regosijo para todos os bons catholicos; que a *Palavra*, des-se publicidade ao manifesto orleanista, dirigido ás mulheres da França, sem uma censura, sem uma palavra de condemnção para esse documento anti-catholico, isso é que eu não posso tolerar, e peço desculpa á illustrada redacção do jornal religioso portuense, para me re- levar este artigo.

Diz a *Palavra* que o *Soleil* publica o programma d'uma nova liga monarchica, quando devera dizer, de uma liga revolucionaria, e anti-catholica, porque é isto o que se proclama em França, e é isto que a *Palavra* reproduz sem reparo.

Se somos catholicos, collegas, não deve haver para nós Orleanistas, Republicanos, ou quaesquer outros partidos; Principes ou populares, grandes ou pequenos: devemos ver só catholicos e revolucionarios, e louvar aquelles e stigmatizar estes em tudo aquillo em que mostrarem os erros sectarios da *egrejinha* a que pertencem.

Catholicos e jornalistas, nós não devemos, illustres collegas, ter respeito humanos, e ou asneiem os republicanos, com quem não temos *parentesco*, ou proclamem o atheismo os paes da formosa princeza que occupa os paços dos nossos reis, devemos ser intransigentes para com uns e outros; porque acima dos homens que mandam as bayonetas dos soldados da França, e dos principes que querem levantar a bandeira que o 3.º Napoleão depoz esfarrapada em Sedan aos pés dos cavallos allemães, está o Papa com os seus ensinamentos e o Evangelho com as scintillações de luz que irrompem de suas paginas divinas.

Vi ha muito nos poucos jornaes estrangeiros que leio a noticia da *Rosa de França*, e não tive tenção de me occupar de uma babuzeira de tal ordem; mas lendo-a na *Palavra*, de que ha muitos annos sou leitor, indignei-me, porque essa publicação sem reparo demonstra connivencia com as ideias n'ella manifestadas, e eu quero, pelo menos, livrar os meus caros collegas de cairem em outra. E como da nossa parte está assás censurada a *Rosa de França* publicamos a noticia, tal qual a *Palavra* a deu, para que nossos leito-

res formem uma ideia das doutrinas que se proclamam.

«A Rosa da França—Liga monarchica.—Presidente: a condessa de Paris. Appello a todas as mulheres de França. A Rosa de França é uma liga que tem por fim o restabelecimento e a defesa dos interesses conservadores.

A liga propõe-se a receber nas suas fileiras homens e mulheres pertencentes a todas as classes sociaes, sem distincção de cultos nem de crenças e a reunir-os n'uma associação amigavel, para defender em commum:

Os interesses conservadores contra o radicalismo;

A liberdade religiosa contra a perseguição;

O direito para os paes de familia de educarem livremente seus filhos;

Os interesses do trabalho e os da propriedade.

A monarchia, tradicional por seus principios modernos pelas suas instituições, garantirá estes interesses e estes direitos, ao mesmo tempo que assegurará o progresso material e moral do povo.

Mulheres de França! Podeis muito para o bom exito d'esta liga. Trata-se das vossas convicções mais caras, do interesse e do futuro de vossos filhos.

Trabalhar para elles, para a monarchia, para a França.

A liga tem por emblema: A Rosa de França. As associadas são encarregadas de fazer propaganda, e conquistar adeptos e subscriptores.

Os nomes de todos os subscriptores serão lidos pela condessa de Paris. A condessa promette não se esquecer d'esses nomes.»

Que felicidade para as senhoras de França, o não serem esquecidas pela Snr.<sup>a</sup> Condessa de Paris! O peor, segundo o nosso pensar, é que das senhoras de França só acudiram ao chama as senhoras da laia das que acompanharam, em meio do infrene e infernal gargalhar, e de todos os vis insultos, a esbelta rainha, Maria Antonieta, ao patibulo. Só essas, porque as verdadeiras senhoras francezas são catholicas e não admittem junto a si quem professe todos os cultos, porque isso levará a França aos tempos do paganismo, e transformará os templos catholicos em pantheons onde caibam todos os idolos.

Deponho a pena fazendo amigaveis cumprimentos á Palavra.

Elias de Sampaio.

## Tres Romas

### I

A Roma del Papa è sempre in giubilo» assim dizia um escriptor em Roma no dia 17 de fevereiro de 1888.

Embora o *captivo* do Soberano-Pontifice é certo que onde está o Vigario de Christo ha umas tantas especiaes Emanações que toda a violencia humana é incapaz de abafar e mesmo de evitar-lhe a sequencia! Disse n'outros tempos um *Ministro do culto protestante*: «O Papa tem sempre os romanos em festa!» Sim, mas em festa que ata com a Eternidade Bemaventurada, e assim em completa contrariedade com as festas pagãs do antigo e do moderno e mesmo hodierno Paganismo. O Papa prisioneiro *mas em Roma* fazem que Roma não esteja *viuva*; de tal modo, embora os *emboras condemnados*, Roma tem as alegrias inherentes á presença ou estada do seu Esposo Mystic; e tanto assim é que o Papa, sendo o *Bispo dos Bispos* é o *Bispo de Roma* e seu *Bispo Soberano*, como approuve á Economia Divina á qual aliás sempre tambem approuve que o Papa nunca fosse subdito de Soberano algum terrestre desde S. Pedro, como dizia e nós o ouvimos da auctorisada bocca do grande Theologo Perrone não menos grande Historiador Ecclesiastico e Profano, os Estados-Pontificios assignalaram a Soberania-Temporal, mas não fôram elles que fizeram Rei o Papa pois que sempre o foi como pouco antes fica já asseverado, nem se pôde conceber, que Jesu-Christo Senhor Nosso constituisse Seu Vigario sujeito a homem algum. As Palavras do Salvador «Dae a Deos o que é de Deos, dae a Cesar o que é de Cesar» não implicam com a independencia do Papa e não sugeição do Papa a Cesar. O representante é o traslado ou como um fac-Simile do representado, isto é de razão geral; e não pôde ser menos e antes é de immensa razão: mais quando se tracta Do que Representa Deos na Terra! Deos não é sujeito ao homem, nem quiz que o fosse nem ficasse *Aquelle*, que devia fallar e governar as almas do Universo em Seu Nome. Em Roma os *tristes e não jubilosos* Sam os *carcereiros* do Soberano Pontifice, não obstante estes tenham as suas *festas d Balthazar* e assim com o seu terrivel tremendo *depois!* A Roma papalina tem a tristesa do *Papa encarcerado*, mas o *carcere* é o Vaticano do qual Deos pelo Seu Vigario faz sahir Graças, Consolações e Alegrias taes, que rebustecem, na *Roma do Papa*, a fé; alimentam a esperança e afervoram a caridade; assim está

ella sempre em jubilo e jubilosa porque tem a certeza de que *Satanaz* não vencerá e hade ser vencido! *Christus regnat, Christus imperat, Christus vincit!*

### II

A Roma do Papa é a Roma de *em alto*; a Roma da *invasão* é a Roma de *em baixo*; aquella é a paz com Deos, a *segunda* é a escuridão tenebrosa cujos clarões sinistros só servem para mais fazer percebida a profundidade do abysmo! A Roma da *invasão* é a *Roma do odio*, tendo este por objecto o Papa e todos e tudo que com o Papa se relaciona em verdade. A mesma *Roma em baixo* é a *fertilidade* em desacatos ao que tem o caracter de Santo como é proprio da *acção maçónica ou maçonisante*. *Roma baixa* é á injustissima oppressão feita sobre a Pessoa Veneravel do Papa, sobre 300 milhões de Catholicos e ainda sobre todos que respeitam a noção de Justiça. Esta mesma *Roma* ataca o fundamento da Sociedade e assim dos Imperios, dos Reinos, dos Estados, por isso que ataca a Justiça, e a Palavra de Deos diz: *Justitia regnorum fundamentum!* Devendo entender-se *dos Reinos* e dos outros modos como os Povos sejam constituídos em Nação. *Roma invadida* é a Sociedade em perturbação, é o desequilibrio para todas as relações sociaes, é o desnorreamento para o bom accôrdo reciproco dos Povos. O Mundo Moral carece de um ponto de apoio para o seu ordenado movimento; deu-lh'o Deos em Sim-Mesmo ou por delegação Sua e no Christianismo na *Entidade-Papa*, o qual combate como inimigo a *Roma da invasão*. E' bem sabido que *Roma Papal é o Amor! Roma anti-papal é o odio!* O Amor institue e conserva, o odio arruina e destroe. A *Roma em baixo* tomou por programma e com má *intensão* o pensamento assim contido: *Recedant vaetera nova Sint omnia!* E o que *ella* tem por mais vélho, envelhecido, excusavel e excusado, é o *Soberano-Pontifice*, e até o *Papa Sem Soberania!* De este infernal desejo se tem até horrorisado depois alguns dos que fôram entusiastas pela e da *invasão de Roma*.

Se a *Historia* é mestra da vida, não o crêem os alludidos *invasores* nem outros que sam mais ou menos *amigos de elles*; e é assim que *uns e outros*, têm por segura a *Roma em baixo*, esquecendo o aniquilamento de outros *invasores* e sobre estes o Soberano-Pontifice sempre Vencedor, e mesmo *esquecidos* de aquella sentença de *Thiers* em termos familiares, que em traducção dizem: *O que comera do Papa se espetard!* *Roma em Alto* está mirada pelos *Sectarios* para ficar *Roma em*



baixo, não ficando *pedra Sobre pedra* e mais que tudo desaparecida a Mística Pedra Angular da Igreja de Deus: *Pedro!* Mas toda a força do *Diabulus* e *diabolica* é impotente ante O Todo-Poderoso! Dizem os *mortos* que a *questão de Roma* está morta; procuram *elles* enganar a tal respeito por isso que *mentem* pois que sabem que está viva e o estará em quanto não fôr em tudo resolvida *como é de justiça*; trabalhem como Deos quer para esta solução, que ha-de vir! Os *desviados* não deixam de ser *nosso proximo*, desejamos que se tornem em defensores da Verdade!

## III

A *Roma*, que se expande por todo o Universo, é a *Roma* da Auctoridade do Papa e da communhão dos fleis com o Vigario de Christo na Terra, dizendo-se todos estes, como na verdade e em verdade sam, *Romanos*. O Divino Redemptor fez de *Roma* um Laço que aperta em Amor todos os Povos e assim fez de todo o Orbe *outra Roma em extensão* ficando uma só em *intenção*, e é de este modo que o do centro do Globo terraqueo diz: *Sou Romano* como é dito por todos de todos os angulos do mesmo Globo. Fez Deos participante da *Ubiquidade* a Sua Igreja, que é a *Roma Mystica*. A *Esta* deu Seu Divino Fundador uma honra tal que a possibilitou a *Missionar* em Nome de Deos pessoalmente mais longe em distancia do que foi o *Proprio-Jesu-Christo*, Homem-Deos, em *Pessoa Missionando!* Onde está a Verdade está a *Roma-Mystica* e com esta os *Romanos*. Que distincção pôde haver maior para os nascidos em Roma que o dizerem-se *Romanos* homens de todas as linguas, de todos os Povos? Que differença immensa não ha entre o dizer *Sou Romano* e *Sou Italiano!* A primeira affirmação coaduna-se com a segunda, aliás, mas só quando se afirma que Roma está na península italiana; sam oppostas quando se toma a Italia escravizada pela *Maconaria-Revolução* e o *homem* Se diz *livre* sendo escravo de *esta*. Na antiga constituição romana pagã era tido em maior honra o ser *cidadão romano* por isso que Roma estava considerada como alma de toda a extensão do poderio romano; havia desigualdade de consideração entre *civis romanus* e *non civis romanus* segundo da nascença em Roma ou fóra de Roma. Era no sentido mais ou menos temporal um como prognostico do que a Roma Espiritual viria a ser pelo *Christianismo* suplantando o *Paganismo*; a *gente moderna* esforça-se em fazer ruivo *este* e em *peor edição*, mas trabalha de balde *no todo* embora *paganise individualidades*. Os *Erros* velhos e os

novos (ou antes sendo estes aquelles *requeitados*) não vam nem irão mais longe do que fôram, ou ainda se conservam *em agonia*; só a Verdade não envelhece e caminha com passo seguro e sempre para diante! E' a *Roma* que se expande, é a *Roma* em toda a parte! A *Verdade Romana*, qual *Verdade Unica Cópia de Deos*, cobre o Globo; e só os máus e nescios *voluntarios* Se furtam a uma *Tal Cobertura*, trocando *Esta* pelo *manto de Satanaz!* *Roma* em toda a parte, porque é Universal a Igreja de Deos, forma a *Nação por excellencia* e a *Unica* que passará à Eternidade pois que todas as outras Nações sam de tempo e no tempo e apenas mais ou menos duradouras!

Dom Antonio de Almeida.

## SECÇÃO LITTERARIA

## EX ABRUPTO

(A ELIAS DE SAMPAIO)

Meu Deus, que vida esta tão pesada,  
Quanto custa ao mortal o soffrimento  
tormento sem findar!  
Se não fóra, Senhor, a vossa crença  
D'amor e de perdão, quem poderia  
um dia só luctar?!

Luctar com desalmados bandoleiros,  
Que roubam mais que ouro e mais que tudo  
—o escudo immaculado  
Da honra, do conceito, mór riqueza,  
Apanagio d'aquelle que só tem  
o bem d'homein honrado.

Luctar c'o vil traidor, com essa escoria,  
Que suja a raça humana de peçonha,  
medonha sobre tudo;  
Com essa raça vil de vis malsins,  
Que abocanha cruel a toda a gente  
com dente sempre agudo.

Luctar com o soberbo, que altaneiro  
Lá vem sobre podre fumo andando,  
arfando de pujançal...  
E' ás vezes um trapo esfarrapado,  
Que o suor do paria branquejou...  
cavou sua matança.

Luctar com invejosos d'asco máo,  
Que jamais podem ver o que não têm  
—um bem ao seu irmão:  
A todos são eguaes os torpes antes  
D'entranhas viperinas; de máo fundo  
d'immundo coração.

Luctar com o vicio, atroz contagio,  
Que se alastra correndo sem ter peias  
nas veias sociaes!...  
E, quem a seu veneno dor triaga,  
E' antigo caturra, velho traste,  
contraste nos *liberaes*.

Luctar com *sabichão* de chocho impafia,  
Doutor *in cunctis*, raro figurão  
montão d'altas sabenças!...  
Cavalgado no dorso da vaidade  
E, caído no lodo dos ignaros,  
reparos faz nas crenças.

Luctar com essa turba d'impiedosos,  
Men Deus, que até mesmo contra Vós  
feroz braço levanta!...  
E, quem com suas vozes não consonn,  
E' beato, carolla, negro lodo  
que a todo o mundo espanta.

E não é esta vida tão pesada,  
E não custa ao mortal o soffrimento,  
tormento sem findar?  
Se não fora de Deus a sancta crença  
D'amor e de perdão, quem poderia  
um dia só luctar?!

Villa Franca do Campo.

P. Couto.

## SECÇÃO ILLUSTRADA

## Mosteiro de Santa Maria de Alcobaca



JOVEN Principe, que primeiro mostrara os lampejos de sua valente espada nos campos de S. Mamede, junto a Guimarães, ao ser aclamado rei dos portuguezes nos plainos de Ourique, tomara sobre si o encargo de formar um reino digno d'elle, derruir as fortalezas e mesquitas mourianas, e levantar sobre os escombros d'esse imperio que os filhos de Islam defendiam com denodo, a Cruz da redempção, e a bandeira das Quinas.

Temeraria era a empreza, e até impossivel se ao moço rei não animasse a fé, e se seus cavalleiros não vissem n'elle o capitão audaz que não tremia diante dos maiores perigos. O Campo onde o guerreiro insigne ia tentar a arriscada empreza era arido em demasia, porque todo fortificado, erigido todo de castellos bem defendidos, coberto por toda a parte de soldados aguerridos, que defendiam á custa da propria vida o solo que seus maiores lhe legaram.

Afonso Henriques não se intimida, antes pelo contrario se anima e se dispõe a dar ao reino por barreiras as orlas espumantes do Oceano.

Lisboa e Santarem erguiam-se em meio da moirama da Extremadura, mostrando orgulhosas os seus diademas de ameias; foi para essas duas praças fortes que o principe portuguez dirigiu as suas hostes, depois de encomendar a empresa audaciosa a Deus e aos santos.

Do alto da serra de Albardos, estendeu D. Afonso a vista por todos os vales e campinas em derredor, e fez voto a S. Bernardo de lhe doar, e aos seus monges todas as terras que avistava, com suas aguas e vertentes até ao mar, se lhe concedesse a posse de Santarem.

Santarem era uma praça forte, bem guarnecida, defendida por soldados esforçados, e rodeada de rochedos inacessiveis; mas Deus, e S. Bernardo es-

tavam do lado dos soldados da Cruz, e os fortes muros da fortaleza mourisca deram passagem ás hostes christãs e o pendão das Quinas, esse labaro santo já tantas vezes desfraldado aos ventos dos combates, drapejou por entre as ameias onde até ahí brilhava ao sol peninsular o crescente de Mahomé.

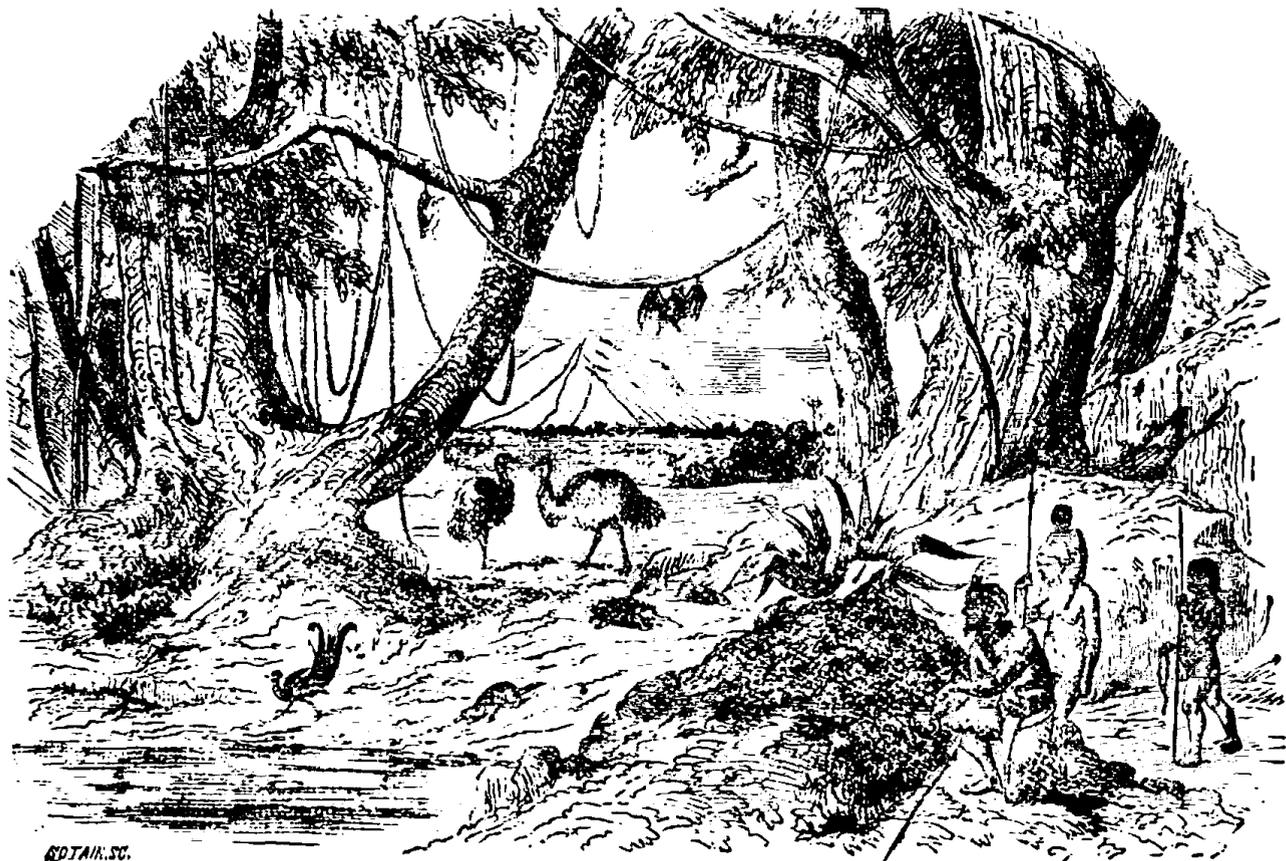
Revoavam ainda os brados com que os soldados portuguezes sandavam a victoria alcançada e o seu joven mo-

quanto n'esse mappa se avistava, e sas orações e por tanto rogamos a todos os leitores da nossa Revista se não esqueçam de ofertar-lh'as. E porque, ao dobrar dos sinos no dia 2 de novembro proximo, deve este numero do nosso quinzenario estar na mão de todos os nossos leitores e amigos; n'esse dia, quando a Igreja nossa Mãe se veste de crepes e convida a todos os fleis vivos para que orem pelos seus irmãos fallecidos, que na outra vida

(Continua)

R.

que pertencesse aos frades. E lá foi tam- bem o Mosteiro de Alcobaca, de que daremos noticia no proximo numero e de que hoje damos uma gravura ma- gnifica.



SOJAIN.SG.

EM PLENA NATUREZA

narcha e já este fizera cumprir a palavra dada no alto da serra de Albardos. Os vastissimos terrenos, montes e campinas que elle avistara do alto da serra, estendendo-se para todos os lados até se irem banhar no mar, pertenciam aos filhos de S. Bernardo, formando o celebre feudo que mais tarde foi conhecido com o nome de *Coutos de Alcobaca*.

E em meio de tão rico e espaçoso patrimonio fez construir D. Affonso Henriques para habitação dos mesmos monges um mosteiro de tão amplas proporções, que ficou sendo o edificio mais grandioso de quantos no seu reinado se construíram em Portugal.

Um dia um principe ambicioso olhou, não de sobre a serra de Albardos, mas por sobre o mappa de Portugal, e offereceu a quem lhe desse o reino tudo-

SECÇÃO NECROLOGICA



**U**ROU-NERA-NOS ha dias o correio a triste noticia do passamento de tres leitores e amigos do *Progresso Catholico*, noticia que deveras sentimos.

Em Villa Meam o R.<sup>mo</sup> Padre Antonio Lourenço de Babo.

Em Livração, o R.<sup>mo</sup> Padre José de Santa Eulalia Carneiro.

Em Belem, o Snr. João Pires Gomes, illustrado professor no lyceu de Faro. Irmãos nossos, teem direito ás nos-

as nossas preces como balmamento salutar a suas penas, muito encarecidamente lembramos a todos os nossos irmãos e amigos, a alma de todos aquelles que durante dez annos teem sido riscados da lista dos assignantes do *Progresso Catholico*, para que alcancem breve o gòso da eternal Gloria, e sejam medianeiros nossos perante o throno do Altissimo.

Oremos, pois, por todos elles.

RETROSPECTO DA QUINZENA

**N**os nossos leitores devem estar cansados de ler nos jornaes da geringonça as repetidas noticias que o telegrapho transmittiu, ou que os mesmos jornaes forjaram, das festas liberalescas

feitas em honra do imperador Guilherme II na cidade dos Papas: festas a que todos os jornaes teem dado um character extraordinariamente italianissimo, abstando-se por completo de fallar da visita ao Vaticano, no que apenas fallaram por incidente, e mesmo assim para dizer uma mão cheia de pêtas.

Nós chegamos a enojar-nos com a leitura de taes noticias, e só aguardavamos outras, chegadas de fonte limpa, que nos podessem pôr ao facto do que publicamente occorreu na capital do mundo catholico.

Felizmente chegou quem nos poz os pontos nos ii, quem veio confirmar o que nós já suspeitavamos; foi a *Correspondencia de Roma*, de que vamos tirar todas as noticias referentes á visita de Guilherme II em Roma, embora tenhamos de retirar as noticias que preparadas tinhamos para este Retrospecto.

Ouçamos a *Correspondencia de Roma*:

#### •A entrada do Imperador

Quinta feira ao meio dia começou um extraordinario movimento de tropas pelas ruas da cidade e por toda a parte era um ruido immenso de cornetas e de musicas. Por mais d'uma hora, nas ruas principaes que conduzem á estação, esteve impedido o transito pela passagem incessante dos regimentos d'infanteria e cavallaria. Mais tarde quasi toda a cidade se despovoou para ver o cortejo imperial, que segundo se annunciava, devia ser um espectáculo raro de magnificencia e esplendor. A's 3 horas era já impossivel penetrar sequer nas ruas adjacentes ás que devia seguir o cortejo. As tropas formadas em alas extendiam-se desde a estação até ao Quirinal. A praça de Termini e a Via Nacional estavam embandeiradas com bandeiras italianas e prussianas, e ornadas com grandes mastros com trophéos e brasões, de pessimo gosto e peor execução. Na praça do caminho de ferro havia não sei que, a que queriam chamar arco de triumpho, mas que realmente não se sabia o que era. A finta satyra romana verberou com tal crueldade aquella monstruosidade, que tiveram de deital-a a terra logo que passou o cortejo. O interior da estação estava decorado ricamente com grande profusão de velludos e tapetes.

A's 3 e meia formou-se o cortejo real no atrio do Palacio do Quirinal, onde se reuniram as carruagens de todos os dignatarios do Estado, e do Municipio, o qual n'esta occasião julgou depôr as democracias e expôr de novo ao publico as ricas carruagens douradas do tempo do *governo theocratico*. Pouco antes das quatro, o Rei Humberto com o Principe hereditario, o Principe Amadeo, e o Duque de Genova, irmão da Rainha

Margarida, partiram para a estação seguidos por todo o cortejo, e acompanhados pelos couraceiros. Foi um solemne desengano para todo o povo que esperava ver uma pompa deslumbrante. O cortejo era de meia gala, e portanto muito simples.

Tanto na praça de Termini como na Via Nacional, tinham levantado grandes tribunas para os convidados do governo e do municipio.

Estava annunciado que o comboio imperial chegava ás 4 e 10 minutos, e com effeito áquella hora pontualmente os tiros de canhão deram o signal da chegada.

Apenas parou o comboio imperial, o imperador desceu antes de todos, deu a mão ao rei Humberto, e se abraçaram. Narram os jornaes que Humberto o beijou quatro vezes, e que estavam muito commovidos. Entretanto a musica tocava o hymno prussiano. Em seguida Guilherme II entrou na esplendida sala que lhe estava preparada, onde houve as apresentações de etiqueta. A demostra não foi senão d'alguns minutos, e logo se formou o cortejo.

Na primeira carruagem vinham o imperador á direita do rei. Guilherme vestia o uniforme de coronel dos Ulanos e Humberto o seu costumado de general italiano.

Na segunda carruagem vinha o Principe Alberto de Prussia, irmão do Imperador e o Principe hereditario.

Na terceira o Principe Amadeo e o Principe Thomaz.

Na quarta vinham o conde Herbert de Bismark, o embaixador d'Allemanha, o Chefe da casa militar do imperador, e Crispi.

Seguiam-se depois outras carruagens dos dignatarios italianos e prussianos, e do Municipio.

O governo linha dado ordem para que as associações liberaes com as bandeiras, estivessem formadas em alas atraz da tropa na praça de Termini; mas as determinações officiaes não agradaram, e ninguem se apresentou. Fallou portanto o plano d'uma grande demonstração *intangibilista* que devia logo ter logar ao apparecer o imperador. Das tribunas levantaram vivas entusiasticos que foram correspondidos em diferentes pontos da grande praça, e não cessaram durante a passagem de cortejo imperial. Pela *Via Nacional* repetiram-se as acclamações, mas não faltaram demonstrações contrarias em sentido republicano com gritos de *Viva a França, abaixo a triptice alliança*. Em diferentes partes lançaram das janelas sobre a carruagem imperial grande quantidade de bilhetinhos de cores, onde estava impresso: *Abaixo a alliança, Viva Trento e Trieste, Viva a Alsa-*

*cia e Lorena*. Entre as demonstrações que estavam organisadas, uma só não fallou, e produziu o bellissimo effeito d'uma explosão estrepitosa de gargalhadas. A's mestras das escholas do governo tinha sido inspirada a bella idea de collocar as suas discipulas em uma grande tribuna na praça da estação com bandeirinhas de papel na mão, para agital-as quando passasse o imperador. Guilherme II devia ter ficado muito commovido ao ver esta prova singular do espirito italiano.

O cortejo entrou no Quirinal pelas 4 e tres quartos.

Uma multidão immensa enchia a praça e as ruas adjacentes.

Guilherme II foi recebido pela rainha Margarida e pelas Princezas d'Aosta e Duquezas de Genova. Depois d'alguns minutos sahiram á varanda os creados a estender um cobertor de damasco vermelho, e em seguida appareceu o Imperador com o Principe Alberto no meio dos principes de Saboya, e saudou a multidão que o applaudia.

Veio depois a coroa da festa. Estava organizada uma grande demonstração com bandeiras e gritarias anticlericaes. Os patriotas começaram a executar a comedia levantando as bandeiras e gritando desesperadamente. Esperavam que Gilherme II, sabendo d'aquelle entusiasmo, se commovesse e sabisse á varanda, e n'esta occasião deviam levantar-se os clamores do *intangibilismo*. Mas debalde esperaram e ber-raram até não poder mais. Era já mais d'um quarto d'hora que gritavam, quando de repente se abrem as vidraças, e os patriotas viram com jubilo immenso chegado o momento de dar o recado. Mas em logar do imperador appareceu um creado que tirou o cobertor e deu-lhes com as vidraças na cara. Desapontamento solemne! Um tumulto de assobios e risadas fechou o acto, e poz a coroa á festa.

Esperava-se á noite grande illuminação, mas com surpresa geral se encontrou tudo ás escuras. Diz-se que foi dada ordem em contrario, e assim devia de ter sido porque nem os edificios publicos puzeram uma luz.

Eis aqui a proclamação dirigida ao povo romano pelo syndico de Roma. E' um documento que é util archivar para a historia:

«Cidadãos,  
•Gilherme II, Imperador d'Allemanha e Rei de Prussia estará dentro de poucas horas em Roma.

A impressão viva e profunda produzida sobre os vossos animos ao primeiro annuncio da alegre nova, é pe-nhor seguro de que o chefe supremo do povo Allemão, o amigo e o alliado

fel do nosso Rei e do povo Italiano, será por vós acolhido d'um modo digno da Augusta Magestade do Hospede e da grandeza de Roma.

A alta significação politica da vinda do Imperador d'Allemanha entre nós foi comprehendida em toda a parte da Italia, e mais do que tudo n'esta Roma, que por vinte seculos viu mover em redor de si, como em centro fixo, a historia do mundo inteiro, e que ha dezoito annos sente ser a cidadella inexpugnavel da unidade italiana, da liberdade do pensamento universal.

Cidadãos!

O Monarcha que dentro em pouco estará no meio de vós, é neto do victorioso e venerado Fundador da Unidade Allemã, é filho d'aquelle Magnanimo que deu tão vivas provas d'affecto á Italia e á nossa gloriosa dynastia.

Príncipe prudente e forte, o Imperador Guilherme II, soube em poucos mezes de reinado dar penhores não duvidosos á Europa de segurança e de paz, e ao Seu povo, que teve commosco communs as esperanças, as luctas e a fortuna, soube inspirar a firme confiança de ser guindado com mão robusta aos destinos que o futuro reserva aos povos virtuosos e fortes.

Viva o Rei! Viva o Imperador Guilherme II!»

É inutil dizer que esta proclamação é dirigida aos romanos do Piemonte e da Lombardia. Os romanos de Roma sentem o orgulho antigo, e estavam acostumados a ver os imperadores e os reis prestar reverente homenagem á sua Roma, á grande Rainha e Mestra do mundo, e não a prestar-lhes elles homenagem. Só um romano improvisado é que pode ter a vileza de dizer que Roma teve communs com a Allemanha *as esperanças, as luctas e a fortuna*. Roma não teve nunca nada de commum com nenhuma nação da terra, ella esteve sempre sobre todas ellas assentada no seu throno excelso de soberana e dominadora. Se ella perdeu este logar altissimo, é por que quizeram convertel-a em *ciudadella da liberdade do pensamento*, e de *Caput orbis* a transformaram em *Cavula universi*, como disse um deputado italiano.

Este manifesto tem sido objecto de grandes censuras nos circulos diplomaticos pela audacia com que n'elle se dá á visita de Guilherme II, uma interpetração que ninguem auctorisou a dar. Este erro do ministro fanfarrão não ficará sem consequências. Affirma-se que o Imperador não saberá da indignação que o annuncio official da sua chegada foi acompanhado d'uma escandalosa manifestação de anti-clericalismo, e que se serviram da sua augusta pessoa para proclamar Roma a *ciudadella da liberdade do pensamento*.

Sabe-se porem que Crispi mandou publicar este manifesto, ficando com a escapatoria de dizer depois que o governo nada tem com aquelle acto, que é exclusivamente obra da auctoridade municipal.

#### A visita do Imperador ao Santo Padre

O dia 12 d'outubro ficará memoravel nos fastos do Pontificado.

Os carcereiros do Papa não podiam preparar-lhe um triumpho mais clamoroso.

Depois do dia do Jubileu de Leão XIII não tinhamos visto, nem esperavamos de ver o Papado esmagar tão victoriosamente a Roma nova, e dominar-a com todo o esplendor da sua grandeza.

Em toda a cidade não se fallou hontem senão do Papa. Onde quer que se entrasse não se fallava senão do Papa; o Papa era o argumento de todas as conversações; do Papa tiveram de occupar-se exclusivamente todas as folhas liberaes.

O coração de todos os bons trasbordava de santa consolação, era manifesto o furor d'um triste desengano em todos os partidarios da revolução. Ouvimos em muitas partes salvas d'imprecações e d'improperios a Crispi, e gritam contra elle os mesmos orgãos mais ardentes do italianismo, que até hontem levantavam hymnos ao *ministro liberal*.

Desde as 10 horas da manhã o povo enchia já ás praças de S. André della Valle, S. Pantaleo, Corso nuovo, S. Filippo, Banco de S. Spirito e Borgo. A ponte de S. Angelo foi necessario mandar a cavallaria e os bersaglieri para manter livre a passagem e impedir desgraças, e mais tarde teve-se de impedir a passagem. As carruagens dos dignatarios da Corte Pontificia que deviam encontrar-se no Vaticano para a recepção do Imperador, tiveram de dar a volta fora dos muros e entrar pela Porta Angelica.

O governo e o municipio deram um espectáculo vergonhoso pelas medidas que tomaram, e em que mostraram raiva de que foram possuidos. Sem nenhum aviso, sem mesmo ter prevenido o publico por meio dos jornaes das disposições rigorosissimas que estavam tomadas, mandaram cobrir de tropas todas as ruas que devia percorrer o cortejo, e a uma certa hora foi prohibido de atravessal-as, devendo ficar muitas familias fora de suas casas até ás quatro horas da tarde. Mas esta vingança pueril não fez senão tornar mais clamoroso o acontecimento, e chamar sobre as auctoridades a odiosidade publica.

O furor dos sectarios manifestou-se

sobretudo d'uma maneira escandalosa no excesso do sr. Crispi em mandar preparar as adjacencias do Vaticano com tropheos italianos e inscripções de *Roma intangivel*. Indignidade só digna de gente educada nas galés. Insultar vilmente o Summo Pontífice ás portas da sua habitação no mesmo momento em que um grande monarchia ia prestar-lhe as suas homenagens, é o requinte da infamia e da villania.

Sobre o Castello de S. Angelo estava collocada uma inscripção indecente, mesmo defronte da sabida da ponte, mas o imperador, talvez por que já estava inteirado do facto, passou olhando para o rio, tanto na ida como na volta.

Eram 11 horas e 50 minutos quando Guilherme II chegou ao Palacio Capranica, na praça de S. André della Valle, residencia do Ministro de Prussia junto da S. Sé. O ministro Schlözer circundado do pessoal da Legação recebia S. Magestade, em quanto das janellas visinhas lhe lançavam uma chuva de flores.

Estavam no salão esperando o imperador, os E.<sup>mos</sup> Cardeal Rampolla Secretario d'Estado de S. Santidade, e Cardeal Hohenloe, e diferentes dignatarios ecclesiasticos convidados para almoçar com S. Magestade. Guilherme II parou á entrada do salão, saudou as pessoas que alli estavam, e foi direito ao Cardeal Secretario d'Estado e apertando-lhe a mão, lhe agradeceu os cumprimentos que tinha recebido do S. Padre e lhe perguntou pela saude de Sua Santidade.

Começou logo o almoço. Estava preparado de carne e de peixe, para que cada um escolhesse, por ser sexta feira.

No meio do almoço Guilherme II levantou um brinde a Leão XIII, ao qual respondeu o Cardeal Secretario d'Estado brindando a S. M. o imperador.

Terminado o almoço, os convidados foram para outra sala onde estavam preparados gelados, caffè, e diferentes licores.

Entretanto chegavam ao Palacio Capranica as carruagens imperiaes que o imperador mandou vir de proposito de Berlim, juntamente com os cavallos, para esta visita ao Summo Pontífice.

No fim do almoço o imperador offereceu por suas proprias mãos ao Cardeal Rampolla Secretario d'Estado uma estupenda cruz peitoral cravejada de pedras preciosas.

Pela 1 e meia da tarde um borborinho immenso dava signal de que o cortejo imperial se avisinhava. Não se pode dar idea do aspecto que apresentavam os logares por onde tinha de passar o imperador. Improvisaram-se tribunas, a

gente corria com cadeiras e mezas para alugal-as, e pagavam-se por hom prego. Foi uma fortuna para a gente necessitada que morava por aquelles sitios.

Em diferentes carruagens passaram primeiro todos os dignatarios do sequito de Sua Magestade e da Corte de Sua Santidade, e cinco minutos depois, precedido dos creados a cavallo, passava a carruagem imperial bellissima e imponente, toda coberta de ornamentos de prata. O imperador vestia o brilhante uniforme das Guardas do Corpo, todo branco, e trazia na cabeça um magnifico elmo de prata encimado por uma águia. A' esquerda de S. Magestade estava o Ministro da Prussia junto da S. Sé.

\* \* \*

O cortejo imperial chegava ao Vaticano pouco antes das duas horas.

No atrio de S. Damaso a Guarda Palatina com a bandeira pontificia, prestou as honras militares ao Imperador.

Nas janellas do grande atrio estavam o Corpo Diplomatico junto da S. Sé, a nobreza romana, e altos funcionarios dependentes do Vaticano, e na janella do meio estava o Principe Alexandre de Prussia e a Princeza de Saxonia, irmã do imperador, vindos expressamente a Roma para visitar o Santo Padre.

Estavam esperando S. M. juntamente com o Conde Herbert de Bismark e os dignatarios allemães, o Principe Ruspoli, Mestre do Sacro Hospicio, que deu o braço ao Imperador ao descer da carruagem. Ao lado do Principe Ruspoli estava o Camarista Secreto de Sua Santidade adido ao serviço de Sua Magestade.

No primeiro degrao da escada do Vaticano o imperador foi recebido por Mons. Machi, Mordomo Mor de Sua Santidade rodeado por Mons. Sacrista, Mons. Esmoller secreto, Mons. Secretario da Congregação do Ceremonial, Principe Altieri commandante da Guarda Nobre, e por todos os dignatarios seculares da Corte Pontificia.

O cortejo subiu a escada papal, precedido pelos Palafrenieri e Guardas suizas.

Toda a Corte pontificia trajava grande gala.

A' porta da sala Clementina esperava S. Magestade, Mons. Della Volpe, Mestre da Camera de S. Santidade, circumdado pelos dignatarios ecclesiasticos e pela officialidade da Guarda nobre, Suissa e Palatina.

Nas diferentes salas dos aposentos pontificios diversos destacamentos dos corpos militares do Vaticano prestavam as honras militares.

Quando o Imperador chegou á Ante-

camera secreta, Sua Santidade sahiu ao encontro ao Imperador.

Sua Magestade, com visiveis signaes de commoção, inclinou-se profundamente á vista do S. Padre.

Sua Santidade convidou o Imperador a entrar nos seus aposentos particulares, e todo o sequito ficou esperando nas salas immediatas.

O colloquio entre Leão XIII e Guilherme II durou 38 minutos.

Em quanto durava o colloquio chegou ao Vaticano o Principe Alberto irmão do imperador, que foi recebido com as honras devidas. Sua Alteza trajava o uniforme de grande almirante, e era acompanhado por diferentes dignatarios da Corte prussiana.

Terminada a audiencia, Sua Santidade recebeu todos os dignatarios que acompanhavam o imperador.

Em seguida sua magestade, com o mesmo acompanhamento, dirigiu-se aos aposentos do E.<sup>mo</sup> Cardeal Rampolla, Secretario d'Estado de Sua Santidade, com o qual se demorou em colloquio secreto 17 minutos.

Depois d'esta visita, o imperador acompanhado pelo Cardeal Rampolla e por Mons. Moceni, substituto do Secretario d'Estado, e seguido por todo o cortejo, foi visitar as galerias e os museos, e ver os objectos da Exposição Vaticana.

Finalmente S. Magestade desceu á Basilica de S. Pedro, onde foi recebido por todo o cabido, e passando pela sacristia, sahiu acompanhado com as mesmas honras pouco antes das 4 horas.

A grande demora não tinha cansado a multidão, que por toda a parte esperava a volta do cortejo imperial. Em diferentes pontos o imperador foi aclamado vivamente, e durante a sua passagem pelo Borgo os habitantes quizeram protestar contra as infamias governativas, fazendo uma grande demonstração em honra do augusto monarcha que voltava do Vaticano. Sua Magestade atravessou o Borgo no meio d'um continuo alarido de vivas, e de todas as janellas agitavam os lenços.

Que tal? Tem algum ponto de parentesco estas noticias com as que os jornaes por ahi nos deram? Não fingiram elles, os orgãos da Revolução, que os revolucionarios italianos estavam muito contentes, emquanto que os catholicos de Roma, viam perdidas todas as esperanças, frustrados todos os seus sonhos?

Não foi isto o que os jornaes disseram? Pois ahi ficam desmentidos, e desmentidos solememente.

Depois da visita de Guilherme II ao Vaticano, podem repetir:—Viva o Papa-Rei!

A' muita bondade do Em.<sup>mo</sup> e Rv.<sup>mo</sup> Sr. Cardeal-Bispo do Porto devemos a offerta da decima Carta Pastoral, ácerca do Jubileu Sacerdotal do SS. Padre Leão XIII, na qual se lê a correspondencia entre S. Em.<sup>a</sup> Rv.<sup>ma</sup> e a Santa Sé, e o producto das offertas com que a Diocese do Porto concorreu para a Missa Jubilar, fazendo uma somma de 3:708\$520 réis.

A S. Em.<sup>a</sup> Rv.<sup>ma</sup> os nossos agradecimentos pela deferencia immerecida.

Os bons filhos da Santa Egreja, que os ha e muitos por todo o reino, louvemos a Deus, viram no 1.<sup>o</sup> dia do corrente mez em Lisboa dois frades barbadinhos, vestindo a grossa tunica de burel, e cingindo a cinta com o cordão da penitencia, do qual pendia o rosario com magnificos crucifixos.

E querem saber os nossos leitores a que paiz pertenciam os dois frades? Eram inglezes, subditos d'um governo protestante!

A' hora a que escrevemos esta noticia não consta que as liberdades patrias perigassem, nem que a corôa que S. M. El-Rei D. Luiz havia deixado em palacio fizesse tregeitos, ou mostrasse desejos de se raspar. Não, senhores; por emquanto não ha noticias que nos façam tremer, e em todo o reino continua a paz e a concordia entre a liberdade e o povo opprimido.

Escrevem-nos do Porto de Martim:

«Celebrou-se hontem na parochial freguezia de S. Julião de Passos a festa do triduo do SS. Coração de Jesus e Maria.

No sabbado houve confesores para todos os socios, que no domingo, se quizessem approximar da Sagrada meza da communhão, para ganhar o jubileu.

No domingo houve missa rezada pelas 7 horas da manhã, no fim da qual se deu a communhão a cerca de mil pessoas. A's 10 horas começou a missa da festa a grande instrumental havendo ao lavatorio sermão do SS. Coração de Maria e de tarde exposição, sermão ao SS. Coração de Jesus e *Te Deum*.

Foi orador, tanto nas praticas preparatorias da festa, como nos sermões d'esta o muito conhecido e illustre missionario, Padre José Reis, fundador da associação n'aquella freguezia.

Esta florescente associação, creada ha cerca d'um anno, conta perto d'uns oitocentos socios.

Damos os parabens aos habitantes da freguezia de S. Julião de Passos por ver nascida na sua freguezia uma fonte de tantos bens e virtudes, como é a associação do SS. Coração de Jesus e Maria.»

J. de Freitas.